



A prática docente no ensino de português do Brasil para falantes de outras línguas (PBFOL): relato de experiência

Teaching practice in brazilian portuguese for speakers of other languages (PBFOL): an experience report

Eucimar I. F. Vieira¹

¹ Graduanda da Licenciatura em Letras, IFSP Campus Sertãozinho.

DOI:

RESUMO

O artigo constitui um relato de experiência sobre a monitoria acadêmica realizada no curso de Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas (PBFOL), ofertado pelo Campus São Paulo do Instituto Federal de São Paulo/IFSP, no segundo semestre de 2025. O objetivo é descrever as atividades desenvolvidas e analisar as contribuições dessa vivência para a formação inicial docente, especialmente no que tange ao protagonismo e à adaptação pedagógica em ambiente virtual. A fundamentação teórica ancora-se nos conceitos de Mediação Pedagógica (Moran, 2000) e Metodologias Ativas (Valente, 2018). As análises indicam que o suporte contínuo e o feedback individualizado são fundamentais para o engajamento de estudantes imigrantes e refugiados em modalidades remotas. Conclui-se que a monitoria antecipa desafios da regência de classe, consolidando a importância da prática desde o início da licenciatura.

Palavras-chave: Português como Língua Adicional; Monitoria Acadêmica; Formação docente.

ABSTRACT

This article constitutes an experience report on the academic tutoring carried out in the Brazilian Portuguese for Speakers of Other Languages (PBFOL) course, offered by the São Paulo Campus of IFSP in the second semester of 2025. The objective is to describe the activities developed and analyze the contributions of this experience to initial teacher training, especially regarding student protagonism and pedagogical adaptation in a virtual environment. The theoretical framework is anchored in the concepts of Pedagogical Mediation (Moran, 2000) and Active Methodologies (Valente, 2018). The analyses indicate that continuous support and individualized feedback are fundamental for the engagement of migrant and refugee students in remote modalities. It is concluded that academic tutoring anticipates the challenges of classroom management, consolidating the importance of practice from the beginning of the undergraduate degree.

Keywords: Portuguese as an Additional Language; Academic Tutoring; Teacher Training.

1. Introdução

O ensino de Português como Língua de Adicional ou de Acolhimento tem assumido um papel central nas políticas de extensão das instituições de ensino brasileiras, impulsionado pelo crescente fluxo migratório e pela necessidade de promover a integração sociolinguística de estrangeiros. No Campus São Paulo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), uma das maneiras de atender a essa demanda é por meio da oferta dos cursos de extensão Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas (PBFOL). O curso visa não apenas ao ensino da norma culta, mas ao

desenvolvimento de competências comunicativas que permitam ao imigrante ou refugiado navegar pelas práticas sociais e burocráticas do país. Nesse contexto, a monitoria acadêmica surge como um elo vital entre a teoria pedagógica e a prática em sala de aula, constituindo-se como um espaço de iniciação à docência para graduandos em Letras.

A monitoria voluntária, conforme prevista nos editais institucionais, permite ao estudante de licenciatura vivenciar as complexidades do fazer pedagógico antes mesmo dos estágios obrigatórios. Este relato de experiência descreve as atividades realizadas durante o segundo semestre de 2025 na turma de PBFOL, cujas aulas ocorriam às segundas-feiras, no período noturno, sob a tutoria da Prof^a. Patrícia Pantano. Atuar como monitora logo no primeiro ano do curso de Licenciatura em Letras impôs o desafio de transitar entre o papel de estudante e o de facilitadora do processo de aprendizagem, exigindo uma postura reflexiva constante sobre as metodologias aplicadas.

O objetivo deste trabalho é relatar e analisar as vivências ocorridas durante a monitoria do programa PBFOL (Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas), com foco no protagonismo discente e nas estratégias de mediação necessárias para o ensino em ambiente virtual. Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa que, conforme apontam Daltro e Faria (2019), transcende a mera descrição empírica ao articular a subjetividade da vivência à reflexão teórica e ao rigor científico. Dessa forma, busca-se discutir como a monitoria no PBFOL contribui para a consolidação da identidade docente, especialmente no que tange à adaptação de materiais e ao suporte emocional e linguístico oferecido aos estudantes em modalidade remota.

A relevância do programa PBFOL no âmbito do IFSP reside na sua capacidade de promover a integração sociolinguística e a ampliação da cidadania por meio da linguagem. Diferente do ensino tradicional de línguas estrangeiras voltado a objetivos meramente instrumentais ou acadêmicos descontextualizados, o PBFOL prioriza o desenvolvimento da competência comunicativa para situações reais de interação social, como o acesso a serviços básicos, o ambiente de trabalho e as práticas cotidianas. Dessa forma, a atuação da monitoria nesse cenário exige não apenas domínio gramatical, mas uma sensibilidade intercultural aguçada, capaz de mediar as diferentes realidades e repertórios linguísticos presentes na sala de aula virtual.

Além disso, a modalidade de ensino remoto, adotada para ampliar o alcance do programa, introduz variáveis complexas ao processo de mediação pedagógica. O uso de plataformas como o Google Meet demanda do monitor o desenvolvimento de letramentos digitais que possibilitem um suporte técnico e pedagógico ágil. Nesse ambiente, a distância física deve ser mitigada por estratégias de engajamento que humanizem a tela, transformando o suporte individualizado e o feedback constante em ferramentas de permanência e êxito para os alunos que, muitas vezes, enfrentam jornadas de trabalho exaustivas antes do horário das aulas.

Por fim, cabe ressaltar que a inserção de graduandos de Letras em projetos dessa natureza, logo no início da formação acadêmica, contribui para uma visão crítica sobre a função social do educador. Ao vivenciar o protagonismo na condução de atividades e na resolução de conflitos pedagógicos em tempo real, o estudante de licenciatura antecipa o contato com a regência de classe, o que favorece uma compreensão mais densa das teorias estudadas nas disciplinas de núcleo pedagógico. Este relato, portanto, justifica-se pela necessidade de registrar como a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

materializa-se na prática da monitoria, fortalecendo a construção da identidade docente desde o primeiro ano da graduação.

2. Contextualização do projeto de ensino

A monitoria no curso de Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas (PBFOL) foi exercida em um ambiente de imersão digital, utilizando as ferramentas do ecossistema Google, como o Google Forms para realizar as chamadas e o Google Meets, como suporte pedagógico principal. As atividades concentraram-se na turma do nível Básico I, com encontros síncronos semanais realizados às segundas-feiras, das 19h30min às 21h30min. O público-alvo consistia em estudantes da República Dominicana, o que exigiu uma postura sensível às questões de interculturalidade e acolhimento linguístico.

O cotidiano da monitoria envolveu uma atuação multifacetada. Antes do início de cada aula, o material de apresentação feito pela monitória era revisado pela tutora, buscando antecipar possíveis dúvidas lexicais ou gramaticais que pudessem surgir durante a interação com os alunos. Durante as transmissões ao vivo, a mediação ocorreu de forma ativa: geriu-se o chat para organizar a ordem das perguntas, esclareceram-se conceitos em tempo real e auxiliou-se na condução de dinâmicas com os alunos. Essa estrutura permitiu que, mesmo de forma remota, houvesse um suporte contínuo, garantindo que o ritmo da aula não fosse prejudicado por dificuldades técnicas ou linguísticas pontuais.

Notou-se que a manutenção da atenção dos alunos no formato on-line demandou a implementação de estratégias de engajamento diferenciadas. Para tanto, buscaram-se formas inovadoras de atrair o interesse da turma, como a introdução de exemplos práticos do cotidiano brasileiro e a utilização de ferramentas interativas, como apresentações mais coloridas do que o tradicional, com imagens e elementos de destaque da cultura brasileira para que estimulasse o treinamento oral dos alunos a cada imagem ou situação apresentada. Além do apoio em sala, a monitoria estendeu-se ao acompanhamento individualizado, utilizamos como ferramenta o Whatsapp, no qual foi criado um grupo com a turma, para comunicados importantes, interação e onde também se ofereceu feedback sobre a realização de atividades assíncronas e dúvidas.

A vivência evidenciou que o papel da monitória no PBFOL extrapola a mera assistência técnica; configura-se como uma função de mediação entre o conhecimento acadêmico e as necessidades imediatas de comunicação dos estudantes estrangeiros. A responsabilidade de organizar e executar partes das atividades propostas permitiu uma imersão direta nas competências da docência, fortalecendo a percepção de que a prática pedagógica é um processo de construção mútua e adaptação constante às especificidades do grupo atendido.

A especificidade do público atendido, composto majoritariamente por estudantes da República Dominicana, trouxe camadas adicionais de complexidade e aprendizado à monitoria. Por serem falantes hispânicos (uma língua românica próxima ao português), observou-se o fenômeno da interlíngua com frequência, manifestado em marcas de "portunhol". Essa realidade exigiu que a monitoria e a tutoria atuassem de forma estratégica, não apenas corrigindo, mas valorizando as aproximações linguísticas como um degrau para a fluidez. A sensibilidade intercultural foi exercitada ao adaptar os exemplos do cotidiano brasileiro para que fizessem sentido dentro da realidade caribenha dos alunos, estabelecendo conexões entre as culturas que facilitassem a apropriação do léxico e das estruturas gramaticais do Português do Brasil.

O uso do WhatsApp como ferramenta de apoio pedagógico e social revelou-se um diferencial estratégico para a manutenção do vínculo em modalidade remota. No grupo da turma, a monitoria assumiu um papel de curadoria e acolhimento, enviando lembretes, áudios explicativos e materiais complementares que estimulavam o contato com a língua para além das duas horas semanais de aula síncrona. Essa comunicação instantânea humanizou o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que o aluno se sentisse amparado em suas dúvidas cotidianas — desde a interpretação de um comando de atividade no Google Forms até o esclarecimento de gírias e expressões idiomáticas. O aplicativo funcionou, portanto, como uma extensão da sala de aula, quebrando o isolamento que o ensino à distância muitas vezes impõe.

Por fim, a dinâmica de construção dos materiais visuais e interativos representou um exercício prático de transposição didática. Ao optar por apresentações com elementos visuais e culturais representativos do Brasil, a monitoria buscou tornar o ambiente remoto mais dinâmico e acessível, transformando o slide em um estímulo direto para a prática oral. Cada imagem selecionada servia como um pretexto para o diálogo, incentivando o aluno a descrever situações e comparar realidades, o que fortaleceu a autoconfiança dos estudantes no uso da língua adicional. Essa experiência de planejamento e execução, mediada pelo feedback constante da tutora, consolidou a compreensão de que o preparo técnico do monitor deve estar sempre a serviço da interação humana e da eficácia comunicativa.

3. Base teórico-conceitual

A fundamentação deste relato sustenta-se no tripé: a especificidade do Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas (PBFOL) na perspectiva do acolhimento, a mediação pedagógica em ambientes virtuais e o papel da monitoria na formação docente.

Diferente do ensino de línguas estrangeiras tradicionais, o PBFOL insere-se na vertente do ensino de português voltado para a integração e o acolhimento. Segundo Valadares (2020), o ensino de português para este público deve ser pautado na competência comunicativa, focando em atividades que promovam a interação eficaz e a inserção sociocomunicativa dos estudantes no contexto sociocultural brasileiro. No contexto de imigrantes e refugiados atendidos pelo projeto, a língua não é apenas um sistema de regras abstratas, mas uma ferramenta essencial de sobrevivência, exercício de direitos e inserção social.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido na monitoria buscou alinhar-se à perspectiva de interlíngua, respeitando o percurso individual de cada aluno - que muitas vezes já possui conhecimentos de outras línguas românicas ou dialetos próprios - e priorizando a compreensão oral e a produção de sentidos (Valadares, 2020). O foco do PBFOL reside, portanto, em suscitar o desenvolvimento de habilidade no estudante para que ele possa atuar de forma autônoma na sociedade brasileira.

A abordagem comunicativa no PBFOL pressupõe que o ensino não deve ser fragmentado em regras gramaticais isoladas, mas sim em práticas de linguagem que possuam sentido social. Para estudantes da República Dominicana, por exemplo, o desafio da interlíngua é constante devido à proximidade entre o espanhol e o português. Nesse cenário, a teoria de Valadares (2020) ressalta que o erro deve ser compreendido como uma hipótese legítima do aprendiz, um estágio necessário para a consolidação da nova língua, e não como uma falha a ser punida.

Dessa forma, a competência comunicativa no acolhimento linguístico envolve a capacidade de o aluno realizar atos de fala básicos, como apresentar-se, solicitar informações médicas ou compreender um anúncio de emprego. O papel da monitoria é auxiliar na ponte entre o léxico que o aluno já possui e as variações do português brasileiro, garantindo que a comunicação ocorra de forma eficaz. Como a língua é uma ferramenta de poder e inserção, dominar essas competências significa, para o imigrante, a possibilidade de exercer sua cidadania plenamente no Brasil.

Por fim, a perspectiva do acolhimento diferencia-se do ensino de línguas estrangeiras (LE) tradicional por carregar uma dimensão ética e política. Conforme aponta Grosso (2010), a língua de acolhimento transcende os objetivos estritamente formais e instrumentais da língua estrangeira tradicional, assumindo papel decisivo na integração social e na garantia de direitos. Ao priorizar a produção de sentidos em detrimento da perfeição gramatical, o PBFOL valida as identidades dos estudantes e suas trajetórias migratórias, concebendo a língua como espaço de encontro, resistência e suporte humano.

A atuação no ensino remoto exige que a monitoria compreenda o conceito de mediação pedagógica. De acordo com Moran (2000), o papel do educador — e, por extensão, da monitora — é atuar como um facilitador que utiliza as tecnologias para motivar e engajar o aluno. Em ambientes virtuais, a mediação deixa de ser apenas a transmissão de conteúdo para se tornar uma curadoria de interações.

Complementarmente, a noção de Multiletramentos (Rojo; Moura, 2012) é essencial, pois o ensino on-line no PBFOL exige que tanto monitores quanto alunos lidem com diversas linguagens e ferramentas digitais (Google Meet, chats, Whatsapp), transformando a sala de aula em um espaço híbrido de aprendizagem.

Nesse contexto, a mediação no PBFOL exige o que Moran (2000) chama de "pedagogia da presença", mesmo que virtual. A monitoria atua para reduzir a distância transacional — o gap psicológico e de comunicação entre tutor e aluno no ensino remoto. Ao utilizar apresentações visuais vibrantes e elementos da cultura brasileira, a monitoria buscou minimizar o distanciamento característico do ensino remoto, utilizando o material visual como um ponto de partida e mediação para a interação oral com os estudantes, transformando a interface fria do computador em um ambiente de interação caloroso e acolhedor.

O uso estratégico do WhatsApp como extensão da sala de aula exemplifica a aplicação prática dos multiletramentos. Segundo Rojo e Moura (2012), os novos letramentos envolvem a habilidade de transitar entre diferentes mídias e linguagens. No grupo da turma, a monitoria media textos escritos, áudios, imagens e emojis, criando uma rede de apoio instantânea. Essa onipresença da língua no cotidiano do aluno favorece a imersão linguística.

Ademais, a mediação tecnológica no PBFOL pressupõe uma constante adaptação de materiais para a realidade digital. A monitora, ao preparar os materiais de apresentação sob supervisão da tutora, exerce uma curadoria pedagógica que considera o tempo de atenção do aluno no ambiente online e a clareza visual necessária para o ensino de nível Básico I. Assim, a tecnologia deixa de ser apenas o meio de transmissão e passa a ser parte integrante da metodologia de acolhimento, permitindo que o suporte pedagógico alcance o estudante onde quer que ele esteja.

A participação de graduandos em projetos de extensão, como o PBFOL, é uma forma potente de garantir a tríade ensino-pesquisa-extensão. Como aponta o Relatório

Global de Oferta de Cursos (2025), a inserção de estudantes de Letras nessas atividades permite uma "curricularização da extensão" que gera êxito tanto para a instituição quanto para a formação profissional dos alunos.

A monitoria acadêmica configura-se, portanto, como um espaço de avaliação formativa. Para Garcia, Silva Filho e Silva (2013), essa experiência permite que o monitor desenvolva autonomia ao enfrentar desafios reais de regência e planejamento, contribuindo para a construção de sua identidade docente antes mesmo do estágio obrigatório.

A autonomia mencionada por Garcia, Silva Filho e Silva (2013) manifesta-se no momento em que a monitora assume a responsabilidade de mediar dinâmicas e conduzir o esclarecimento de dúvidas no chat. Essa postura protagonista é fundamental para a formação de uma identidade docente reflexiva. Ao atuar no PBFOL logo no primeiro ano de Letras, a graduanda é confrontada com a necessidade de realizar a transposição didática — ou seja, transformar o saber acadêmico em um saber ensinável e acessível aos estudantes estrangeiros.

Este processo de iniciação à docência via extensão universitária permite que o erro e o acerto pedagógico sejam discutidos em um ambiente de parceria entre tutora e monitora. O feedback constante da Prof^ª. Patrícia Pantano sobre os materiais produzidos pela monitora configura-se como um ciclo de aprendizagem mútua. Essa colaboração evita que o monitor seja apenas um executor de tarefas técnicas, elevando-o à condição de pesquisador da sua própria prática, capaz de observar os resultados de suas intervenções e ajustar suas estratégias conforme as necessidades do grupo.

Portanto, a monitoria no PBFOL funciona como um laboratório social e profissional. Ela proporciona à futura educadora o contato com a diversidade linguística e cultural em sua forma mais crua e real, exigindo o desenvolvimento de competências que vão além do conhecimento gramatical, como a empatia e a resiliência. Conforme a prática extensionista se consolida como parte do currículo, ela assegura que a formação inicial em Letras seja conectada com as demandas sociais contemporâneas, preparando profissionais aptos a lidar com contextos de ensino cada vez mais complexos e multiculturais.

4. Análise da experiência

A análise a seguir organiza-se em três categorias fundamentais que emergiram durante o semestre de monitoria no PBFOL: o desafio da mediação tecnológica, o exercício do protagonismo discente e a construção da identidade docente no primeiro ano de Letras.

Como observado no cotidiano das aulas às segundas-feiras, o formato on-line impõe barreiras sensoriais que podem levar à dispersão. No entanto, a experiência demonstrou que a utilização de estratégias de engajamento, como o uso de exemplos práticos e ferramentas interativas, foi determinante para o sucesso das aulas.

Seguindo a perspectiva de Valente (2018) sobre metodologias ativas, a monitoria não se limitou a assistir à aula, mas a criar um ambiente de "presença virtual". Por exemplo, ao notar o silêncio da turma em determinados momentos, procedeu-se à intervenção via chat ou áudio, trazendo situações do cotidiano brasileiro para ilustrar pontos gramaticais. Essa "presença pedagógica" da monitora funcionou como um suporte para a tutora, permitindo que o fluxo de interação não fosse interrompido por dificuldades técnicas ou falta de motivação.

Nesse contexto, a utilização de recursos visuais mais vibrantes e apresentações customizadas, mencionadas anteriormente, não foi apenas uma escolha estética, mas uma estratégia de redução da carga cognitiva. Ao apresentar a cultura brasileira por meio de imagens e cores, a monitoria conseguiu transformar o slide em um estímulo para a interação oral, facilitando a fixação e a apropriação de novos vocabulários. Essa prática corrobora a ideia de que, no ensino remoto, o material didático precisa "falar" com o aluno, compensando a ausência do contato físico e do ambiente de sala de aula tradicional.

Outro ponto crucial observado foi a gestão do tempo e do silêncio no Google Meet. A intervenção da monitoria no chat permitiu que o ritmo da aula não fosse interrompido por dúvidas pontuais de vocabulário, que eram sanadas em tempo real sem que a tutora precisasse pausar a explicação principal. Essa "dupla regência" entre tutora e monitora criou uma rede de segurança para o aluno da República Dominicana, que se sentia encorajado a participar sabendo que teria suporte imediato para suas dificuldades de expressão.

A categoria do protagonismo destaca-se como o ponto mais enriquecedor da vivência. No PBFOL, a monitora assumiu, em diversas ocasiões, a responsabilidade de conduzir discussões e mediar atividades. Segundo Garcia, Silva Filho e Silva (2013), o protagonismo na monitoria ocorre quando o estudante deixa de ser um espectador e passa a ser um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Essa responsabilidade permitiu vivenciar a liderança pedagógica de forma prática. Ao esclarecer dúvidas individuais e organizar a execução de tarefas, exercitou-se a capacidade de transpor o conhecimento acadêmico (da graduação em Letras) para uma linguagem acessível aos estudantes estrangeiros. Essa mediação é o que Moran (2000) define como o papel do educador moderno: alguém que ajuda o aluno a navegar pelo conhecimento, e não apenas quem o detém.

A transição da posição de estudante de primeiro ano para a de facilitadora exigiu o exercício de uma "escuta ativa". Ao conduzir discussões, a monitora precisou aprender a identificar não apenas o que o aluno dizia, mas o que ele tentava comunicar por meio de sua interlíngua. Essa liderança manifestou-se na capacidade de reformular perguntas e incentivar a fala dos alunos mais tímidos, garantindo que o protagonismo não ficasse restrito à monitoria, mas fosse compartilhado com os próprios estudantes estrangeiros.

Essa liderança e autonomia ganharam contornos ainda mais nítidos na oportunidade em que assumi a regência de uma aula especificamente voltada à temática da regionalidade brasileira. Para essa ocasião, elaborei slides de apresentação personalizados, cujo foco principal foi mapear os destaques culturais, as danças e as particularidades de cada região do país — ilustrando a diversidade nacional por meio de recortes práticos, como o frevo e o maracatu em Recife, e o samba no Rio de Janeiro. A resposta dos alunos foi imediata, gerando curiosidade e motivando-os a arriscar suas primeiras interações orais sobre as manifestações culturais de seus próprios países.

Essa experiência prática de liderança revelou, de forma palpável, a importância da transposição didática, que é a habilidade de adaptar o conhecimento técnico de Letras para as necessidades do nível Básico I. Ao organizar atividades práticas, a monitora precisou selecionar o que era essencial para a comunicação imediata dos alunos, exercitando um poder de síntese que é fundamental para qualquer educador. Essa autonomia na seleção e adaptação de exemplos culturais demonstrou que a monitoria é um estágio de pré-regência altamente produtivo.

A colaboração com a Prof.^a Patrícia Pantano foi o alicerce para esse processo formativo. A regência da aula sobre regionalidade, por exemplo, ocorreu sob o seu acompanhamento direto, constituindo um espaço seguro de orientação pedagógica. A revisão prévia dos materiais e o diálogo constante sobre as dinâmicas de sala proporcionaram o respaldo necessário para a inovação didática. Esse modelo de tutoria participativa supera o trabalho meramente executivo, estimulando uma postura docente reflexiva e apta a tomar decisões rápidas diante de imprevistos técnicos ou dúvidas gramaticais inesperadas.

Além disso, o protagonismo exercido no PBFOL proporcionou o desenvolvimento de competências socioemocionais. Liderar uma turma de adultos de outra nacionalidade exige resiliência, empatia e paciência. Ao mediar conflitos de compreensão e celebrar os pequenos avanços de cada aluno, a monitoria internalizou que o papel do professor moderno, conforme citado por Moran (2000), é ser um mentor que inspira confiança, facilitando o percurso do estudante em direção à autonomia linguística.

Um aspecto relevante da análise é o fato de esta experiência ocorrer no primeiro ano do curso de Letras. A falta de experiência inicial, mencionada no relatório de autoavaliação, não foi um impedimento, mas um motor para a busca de aprimoramento constante. Notou-se que a monitoria antecipou dilemas que, geralmente, só seriam enfrentados no estágio obrigatório.

A análise do feedback individualizado oferecido aos alunos revelou que o acolhimento no PBFOL vai além da língua; é também um suporte emocional. Ao acompanhar o progresso de cada aluno, a monitora pôde perceber suas próprias evoluções na forma de ensinar. Como aponta Valadares (2020), o ensino de português para fins de acolhimento exige uma sensibilidade intercultural que só se desenvolve na prática. Assim, a monitoria serviu como um laboratório de construção da identidade docente, onde a teoria da faculdade começou a ganhar corpo e voz na interação com o outro.

A antecipação de dilemas pedagógicos no primeiro ano de curso funcionou como um acelerador de maturação acadêmica. Enquanto muitos graduandos apenas discutem a teoria em sala de aula, a monitoria no PBFOL permitiu o teste real dessas teorias. A necessidade de buscar recursos adicionais para explicar fenômenos da língua portuguesa aos falantes de espanhol gerou um ciclo de pesquisa e prática que enriqueceu a própria formação da monitora nas disciplinas teóricas da graduação.

O suporte emocional, mencionado como parte do acolhimento, revelou-se um componente indissociável da prática docente em contextos migratórios. Percebeu-se que, muitas vezes, o aluno precisava de validação e encorajamento tanto quanto de correção gramatical. Esse entendimento altera a percepção sobre o que é "ensinar", movendo o foco da gramática pura para o acolhimento do sujeito. Essa sensibilidade intercultural, desenvolvida no dia a dia com os dominicanos, é um saber que dificilmente seria adquirido apenas por meio de livros.

As evoluções percebidas na forma de ensinar refletiram-se no aumento da autoconfiança da monitora. Se no início do semestre havia receio quanto à falta de experiência, ao final, a percepção de eficácia pedagógica era evidente. O processo de oferecer feedback e ver o progresso do aluno — como um estudante que passa a formular frases completas ou a participar mais ativamente — serviu como a maior recompensa e validação da escolha profissional pela Licenciatura em Letras.

Conclui-se, portanto, que a monitoria no PBFOL operou como um divisor de águas na formação inicial. Ela permitiu que a construção da identidade docente fosse

pautada na realidade da extensão universitária, onde a faculdade encontra a sociedade. A vivência demonstrou que ser professor é um exercício de adaptação contínua e que o aprendizado mais significativo ocorre quando nos colocamos à disposição para mediar o conhecimento do outro, transformando a sala de aula — física ou virtual — em um espaço de emancipação e acolhimento.

5. Considerações finais

Em suma, a monitoria no PBFOL revelou-se uma experiência de formação integral. Conclui-se que o papel da monitora é fundamental para o êxito do ensino remoto, atuando como ponte entre a tecnologia, a tutora e o aluno estrangeiro. A vivência no primeiro ano de Letras consolidou a importância da prática extensionista, mostrando que o aprendizado da docência ocorre na reflexão sobre a ação. Fica evidente a necessidade de formação contínua e o fortalecimento de programas de monitoria que incentivem o protagonismo discente desde o início da graduação.

A imersão nas particularidades do ensino para estudantes da República Dominicana permitiu compreender que o acolhimento linguístico é, acima de tudo, um ato político de inclusão. Ao longo do semestre, observou-se que o domínio da língua portuguesa funciona como uma chave de acesso à cidadania, e a monitoria, ao facilitar esse processo, cumpre a função social da universidade pública.

No que tange aos aspectos tecnológicos, a experiência demonstrou que o ensino remoto não é uma barreira intransponível, mas um campo fértil para a inovação pedagógica. O uso estratégico do WhatsApp e a elaboração de materiais visuais interativos provaram que a distância física pode ser mitigada pela "presença virtual" e pelo suporte humanizado. Para a formação docente, isso significa que o futuro professor de Letras deve estar preparado para atuar em ambientes híbridos, desenvolvendo multiletramentos que acompanhem as transformações da sociedade digital, garantindo que o aprendizado ocorra de forma fluida e acessível.

Ademais, o exercício do protagonismo no primeiro ano da Licenciatura em Letras revelou-se um diferencial qualitativo na construção da identidade docente. Enfrentar os desafios da transposição didática e da gestão de turma precocemente permitiu que a teoria estudada nas disciplinas de base ganhasse sentido prático imediato. A relação de parceria e orientação estabelecida com a Prof^a. Patrícia Pantano foi o pilar que sustentou esse crescimento, evidenciando que a monitoria é um espaço de mentoria essencial para que o graduando se sinta seguro e motivado a seguir na carreira do magistério.

Por fim, este relato reafirma a necessidade de políticas institucionais que valorizem a curricularização da extensão. O sucesso do PBFOL demonstra que a união entre o suporte técnico, o acolhimento emocional e o rigor pedagógico é a fórmula para o êxito no ensino de Português como Língua Adicional. Para a monitora, as lições aprendidas às segundas-feiras transcendem o conteúdo programático; elas consolidam a certeza de que a educação se faz na interação humana, na escuta sensível e na adaptação constante às necessidades do outro, preparando o caminho para uma atuação docente ética, crítica e profundamente conectada com a realidade social brasileira.

Referências

- DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.
- GARCIA, L. T. S.; SILVA FILHO, L. G.; SILVA, M. V. G. Monitoria e avaliação formativa em nível universitário: desafios e conquistas. **Perspectiva**, v. 31, n. 3, p. 973-1003, 2013.
- GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- VALADARES, F. B. Português do Brasil para hispânicos: percurso de ensino e relato de experiência. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 398-413, 2020.
- _____. **Relatório global de oferta de cursos de extensão – 2025/2**. São Paulo: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ToZUW2bvTcr2C6Sqm6nR7c3gFXE1DIA/view>. Acesso em: 26 ago. 2026.
- VALENTE, J. A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado. In: MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 26-44.